

Jung Chang
Jon Halliday

MAO
A História Desconhecida

Tradução de Inês Castro

PRIMEIRA PARTE

Um Crente Pouco Convicto

1

Na Cúspide do Antigo para o Moderno (1893-1911; idade 1-17)

Mao Tsé-tung, que durante décadas deteve o poder absoluto sobre as vidas de um quarto da população mundial, foi responsável por bem mais de 70 milhões de mortes em tempo de paz, mais do que qualquer outro líder do século xx. Nasceu numa família de camponeses num vale chamado Shaoshan, na província de Hunan, no coração da China. Foi a 26 de Dezembro de 1893. Havia quinhentos anos que os seus antepassados viviam nesse vale.

Era um mundo de beleza antiga, uma região temperada e húmida cujos montes ondulantes e brumosos eram povoados desde o período neolítico. Templos budistas datando da dinastia Tang (618-906 d.C.), quando os budistas aqui tinham chegado pela primeira vez, ainda funcionavam. Florestas onde cresciam cerca de 300 espécies de árvores, incluindo bordos, canforeiras, metassequóias e o raro *ginkgo*, cobriam a zona e abrigavam os tigres, leopardos e javalis que ainda deambulavam pelos montes. (O último tigre foi morto em 1957.) Estes montes, sem estradas nem rios navegáveis, separavam a aldeia do mundo em geral. Até no início do século xx, um acontecimento tão importante como a morte do imperador, em 1908, não chegou tão longe e Mao só soube do facto dois anos depois quando saiu de Shaoshan.

O vale de Shaoshan mede cerca de cinco por três quilómetros e meio. As mais de seiscentas famílias que aí viviam cultivavam arroz, chá e bambu, utilizando búfalos para arar os campos de arroz. A vida diária girava à volta destas actividades milenares. O pai de Mao, Yi-chang, nasceu em 1870. Aos dez anos ficou noivo de uma rapariga de treze anos de uma aldeia a cerca de dez quilómetros, a seguir a um desfiladeiro chamado Garganta dos Tigres que Descansam, onde os tigres costumavam repousar ao sol. Esta curta distância era suficientemente grande nessa altura para que as duas aldeias falassem dialectos que eram quase mutuamente ininteligíveis. Sendo apenas uma rapariga, a mãe de Mao não

recebeu qualquer nome; por ser a sétima rapariga nascida no clã Wen, era apenas a Sétima Irmã Wen. Em conformidade com os costumes seculares, os pés tinham-lhe sido esmagados e atados para produzir os chamados «lírios dourados de três polegadas», que eram o epítome da beleza nessa época.

O noivado com o pai de Mao seguia respeitáveis costumes antigos. Foi arranjado pelos pais e baseava-se numa consideração de ordem prática: o túmulo de um dos avós da família Wen ficava em Shaoshan e tinha de ser tratado regularmente segundo elaborados rituais, por isso ter ali um parente seria muito útil. A Sétima Irmã Wen mudou-se para casa dos Mao por ocasião dos esponsais e casou aos dezoito anos, em 1885, quando Yi-chang tinha quinze anos.

Pouco depois do casamento, Yi-chang partiu como soldado, para ganhar dinheiro para pagar as dívidas da família, o que conseguiu passados vários anos. Os camponeses chineses não eram servos mas agricultores livres, e entrar para o exército por razões puramente financeiras era um costume estabelecido. Felizmente Yi-chang não se envolveu em nenhuma guerra; pelo contrário, teve uma visão rápida do mundo e adquiriu algumas ideias para negócios. Ao contrário da maior parte dos aldeãos, Yi-chang sabia ler e escrever, suficientemente bem para conseguir manter um registo de contas. Quando regressou, criou porcos e processou grãos para a preparação de um arroz de qualidade superior para venda numa cidade mercantil próxima. Resgatou a terra que o pai penhorara, depois comprou mais terras e tornou-se um dos homens mais ricos da aldeia.

Embora com uma situação financeira relativamente boa, Yi-chang continuou a ser excelente trabalhador e poupado durante toda a vida. A casa da família era constituída por meia dúzia de quartos, que ocupavam uma ala de uma grande propriedade com telhado de colmo. Por fim, Yi-chang substituiu o colmo por telhas, um grande melhoramento, mas deixou o chão de barro e as paredes de barro. As janelas não tinham vidros — ainda um luxo raro — e eram apenas aberturas quadradas com barras de madeira, tapadas à noite com tábuas (a temperatura quase nunca descia abaixo de zero). A mobília era simples: camas, mesas e bancos de madeira. Foi num destes quartos bastante espartanos, por baixo de uma colcha de algodão azul-pálido de fabrico caseiro, no interior de uma rede mosquiteira azul, que Mao nasceu.

Mao era o terceiro filho, mas até essa altura o único a sobreviver para lá da infância. A mãe, budista, tornou-se ainda mais devota, para encorajar Buda a protegê-lo. Mao recebeu o nome duplo Tsé-tung. *Tse*, que significa «brilhar», era o nome dado a toda a sua geração, como predeterminado quando a crónica do clã fora escrita no século XVIII; *Tung* significa «o Leste». Assim o seu nome próprio completo significava «brilhar no Leste». Quando mais dois rapazes nasceram,

em 1896 e 1905, foram-lhes dados os nomes Tsé-min (*min* significa «o povo») e Tsé-tan (*tan* referia-se possivelmente à região local, *Xiangtan*).

Estes nomes reflectiam a inveterada aspiração dos camponeses chineses de que os seus filhos tivessem sucesso na vida — e a expectativa de que podiam consegui-lo. As altas posições eram acessíveis a todos através da educação, que durante séculos significara estudar os clássicos confucianos. A excelência permitiria aos jovens do sexo masculino de qualquer origem passar nos exames imperiais e tornarem-se mandarins — podendo continuar a subir até primeiros-ministros. Um alto cargo público era definição de realização pessoal, e os nomes dados a Mao e aos irmãos exprimiam a esperança neles depositada.

Mas um nome grandioso era também oneroso e tentava de forma poderosa o destino, por isso a maior parte das crianças recebia um diminutivo que não era nem humilde nem forte, nem ambas as coisas. O de Mao era *o Rapaz de Pedra* — *Shi san ya-zi*. Para este segundo «baptismo», a mãe levou-o a uma rocha com cerca de dois metros e meio de altura, que tinha a fama de ser encantada, pois existia uma nascente por baixo. Depois de Mao ter feito vénias de obediência e submissão, foi considerado adoptado pela rocha. Mao gostava muito deste nome e continuou a usá-lo já adulto. Em 1959, quando voltou a Shaoshan e se encontrou com os aldeãos pela primeira — e única — vez como líder supremo da China, começou o jantar com eles com um dito espirituoso: «Então está toda a gente aqui, excepto a minha Mãe Pedra. Vamos esperar por ela?»

Mao amava a sua mãe verdadeira, com uma intensidade que não demonstrava em relação a mais ninguém. Ela era uma pessoa afável e tolerante que, como se recordava, nunca levantara a voz para ele. Dela herdou a cara cheia, os lábios sensuais e um calmo autodomínio nos olhos. Mao falaria da mãe com emoção durante toda a sua vida. Foi na sua esteira que se tornou budista enquanto criança. Anos mais tarde contou ao seu *staff*: «Eu adorava a minha mãe... Para onde quer que a minha mãe fosse, eu ia atrás... ia a feiras em templos, queimava incenso e dinheiro de papel, prestava obediência a Buda... Porque a minha mãe acreditava em Buda, eu também acreditava.» Mas abandonou o budismo a meio da juventude.

Mao teve uma infância despreocupada. Até aos oito anos viveu com a família da mãe, os Wen, na aldeia deles, pois a mãe preferia viver com a sua própria família. Aí a avó materna mimava-o. Os dois tios e as respectivas mulheres tratavam-no como se fosse seu próprio filho, e um deles tornou-se seu pai adoptivo, o equivalente chinês do padrinho. Mao fazia algum trabalho agrícola leve, apanhando forragem para os porcos e levando os búfalos a passear nas matas de camélias de chá e óleo perto de um tanque sombreado por folhas de bananeira. Muitos anos depois lembraria com ternura estes tempos idílicos. Começou a aprender a ler, enquanto as tias fiavam e cosiam à luz de uma lamparina a óleo.



Mao apenas regressou a Shaoshan na Primavera de 1902, com oito anos, para receber a sua educação, que assumiu a forma de estudo em casa de um professor. Os clássicos confucianos, que constituíam a maior parte do currículo, estavam para além da compreensão de crianças e tinham de ser aprendidos de cor. Mao tinha sido abençoado com uma memória excepcional e safava-se bem. Os outros alunos seus colegas recordaram um rapaz diligente que conseguia não só recitar mas também escrever mecanicamente esses textos difíceis. Adquiriu igualmente bases em língua e história chinesas e começou a aprender a escrever boa prosa, caligrafia e poesia, pois escrever poemas era uma parte essencial da educação confucionista. Ler tornou-se uma paixão. Os camponeses deitavam-se geralmente com o pôr-do-Sol, para pouparem o óleo dos candeeiros, mas Mao lia noite dentro, com um candeeiro a óleo em cima de um banco, fora da rede mosquiteira. Anos mais tarde, quando era governante supremo da China, metade da sua enorme cama estaria ocupada por pilhas de clássicos chineses e encheu os seus discursos e escritos com referências históricas. Mas os seus poemas perderam talento.

Mao entrava frequentemente em conflito com os seus professores. Fugiu da primeira escola aos dez anos, afirmando que o professor era demasiado autoritário. Foi expulso, ou «convidado a sair» de, pelo menos, três escolas por ser teimoso e desobediente. A mãe desculpava-o, mas o pai não ficava satisfeito, e o facto de Mao saltar de professor em professor era apenas uma fonte de tensão entre os dois. Yi-chang pagava pela educação de Mao, na esperança de que o filho pudesse pelo menos ajudar a tratar das contas da família, mas Mao não gostava da tarefa. Toda a sua vida teve pouco jeito para números e era desesperante em economia. Nem se dava nada bem com trabalho físico árduo. Esquivou-se a esse tipo de trabalho logo que os seus dias como camponês terminaram.

Yi-chang não suportava que Mao estivesse inactivo. Tendo passado todos os minutos das suas horas de vigília a trabalhar, esperava que o filho fizesse o mesmo e batia-lhe quando ele não obedecia. Mao odiava o pai. Em 1968, quando se vingava, em vasta escala, dos seus inimigos políticos, disse aos respectivos algozes que teria gostado que o pai fosse tratado da mesma forma brutal: «O meu pai era mau. Se hoje fosse vivo, deveria ser submetido à “tortura do avião a jacto”.» Era uma posição atroz em que os braços do torturado eram puxados violentamente para trás das costas e a cabeça forçada a baixar-se.

Mao não foi uma mera vítima do pai. Reagia e saía muitas vezes vencedor. Diria ao pai que este, sendo mais velho, devia fazer mais trabalho manual do que ele, o mais novo — o que era um argumento inconcebivelmente insolente pelos padrões chineses. Um dia, segundo Mao, pai e filho tiveram uma briga

na presença de convidados. «O meu pai repreendeu-me na frente deles, chamando-me preguiçoso e inútil. Aquilo enfureceu-me. Chamei-lhe nomes e saí de casa... O meu pai... foi atrás de mim amaldiçoando-me e ordenando-me que voltasse. Cheguei à borda de um tanque e ameacei saltar lá para dentro se ele se aproximasse mais... O meu pai recuou.» Certa vez, quando Mao voltava a contar esta história, riu-se e acrescentou uma observação: «Homens velhos como ele não queriam perder os filhos. É essa a fraqueza deles. Ataquei-lhe o ponto fraco e venci!»

O dinheiro era a única arma que o pai de Mao possuía. Depois de Mao ter sido expulso pelo seu 4.º professor, em 1907, o pai deixou de pagar as despesas de educação do filho e o rapaz de treze anos teve de se tornar camponês a tempo inteiro. Mas em breve descobriu uma maneira de se livrar do trabalho agrícola e voltar ao mundo dos livros. Yi-chang estava desejoso de que o filho se casasse, para que assentasse e se comportasse de forma responsável. A sobrinha estava na idade certa para se tornar esposa, quatro anos mais velha do que Mao, o qual concordou com o plano do pai e retomou os estudos depois do casamento.

O casamento deu-se em 1908, quando Mao tinha catorze anos e a sua noiva dezoito. O nome da família dela era Luo. Ela não tinha nome propriamente dito e era apenas chamada «Mulher Luo». A única vez conhecida que Mao a mencionou foi com o jornalista americano Edgar Snow, em 1936, quando Mao notoriamente deu pouca importância ao assunto, exagerando a diferença de idades: «Quando tinha 14 anos, os meus pais casaram-me com uma rapariga de 20. Mas nunca vivi com ela... Não a considero minha mulher... e não pensei muito nela.» Não deu de modo algum a entender que ela não estivesse ainda viva; de facto, a Mulher Luo morrera em 1910, pouco mais de um ano depois do casamento.

O casamento precoce de Mao transformou-o num feroz opositor dos casamentos arrançados. Nove anos depois escreveu um artigo inflamado contra essa prática: «Nas famílias ocidentais, os pais reconhecem o livre arbítrio dos filhos. Mas na China, as ordens dos pais não são absolutamente compatíveis com a vontade dos filhos... Isto é uma espécie de “violação indirecta”. Os pais chineses estão sempre indirectamente a violar os seus filhos...»

Logo que a mulher morreu, o viúvo de dezasseis anos exigiu sair de Shao-shan. O pai queria que ele entrasse como aprendiz num armazém de arroz na cidade do condado, mas Mao estava interessado numa escola moderna a cerca de 25 quilómetros. Soubera que os exames imperiais tinham sido abolidos. Em vez deles existiam agora escolas modernas, que ensinavam matérias como ciências, história e geografia mundiais e línguas estrangeiras. Foram estas escolas que abriram a porta para a fuga à vida de camponês a muitos jovens como ele.

No final do século XIX, a China embarcara numa transformação social dramática. A dinastia manchú, que reinara desde 1644, estava a caminhar do antigo para o moderno. A mudança fora instigada por uma série de derrotas abismais às mãos de potências europeias e do Japão, começando com a derrota com a Inglaterra na Guerra do Ópio, de 1839-42, quando as potências vieram bater à porta fechada da China. Desde a corte manchú aos intelectuais, quase toda a gente concordava que o país devia mudar se queria sobreviver. Foram introduzidas muitas reformas fundamentais, uma das quais era a implementação de um sistema educativo inteiramente novo. Começaram a ser construídas redes de caminhos-de-ferro. Foi dada prioridade máxima a indústrias modernas e ao comércio. Foram autorizadas organizações políticas. Publicaram-se pela primeira vez jornais. Estudantes foram enviados para o estrangeiro para estudarem ciências, mandarins despachados para aprenderem a democracia e os sistemas parlamentares. Em 1908, a corte anunciou um programa para se transformar numa monarquia constitucional dentro de um período de nove anos.

A província de Mao, Hunan, com cerca de 30 milhões de habitantes, tornou-se um dos locais mais liberais e excitantes da China. Embora encravada no interior, estava ligada à costa por rios navegáveis e, em 1904, a sua capital, Changsh, tornou-se um porto comercial «aberto». Chegaram muitos comerciantes e missionários estrangeiros, trazendo com eles os costumes e instituições ocidentais. Quando Mao ouviu falar das escolas modernas, já havia mais de uma centena delas, mais do que em qualquer outra zona da China, incluindo muitas para mulheres.

Uma delas ficava perto de Mao: a escola Monte Oriental, no condado dos Wen, a família da mãe. As propinas e alojamento eram bastante elevados, mas Mao conseguiu que os Wen e outros parentes fizessem pressão junto do pai, que deu o dinheiro necessário para custear cinco meses. A mulher de um dos seus primos Wen substituiu o velho mosquiteiro caseiro azul de Mao por um branco de musselina feito à máquina para acompanhar a modernidade da escola.

A escola foi um abrir de horizontes para Mao. As aulas incluíam ginástica, música e inglês, e entre as leituras recomendadas havia biografias simplificadas de Napoleão, Wellington, Pedro o Grande, Rousseau e Lincoln. Mao ouviu falar da América e da Europa pela primeira vez, e conheceu um homem que tinha estado no estrangeiro — um professor que estudara no Japão e que recebera dos seus alunos a alcunha de *o Falso Demónio Estrangeiro*. Décadas mais tarde, Mao ainda se conseguia recordar de uma canção japonesa que ele lhes ensinou, e que celebrava a espantosa vitória militar do Japão sobre a Rússia, em 1905.

Mao só esteve na escola Monte Oriental durante alguns meses, mas foi o suficiente para descobrir uma nova oportunidade. Na capital provincial, Changsh, havia uma escola especialmente vocacionada para jovens do condado dos Wen,

e Mao persuadiu um professor a inscrevê-lo, embora ele não fosse, em rigor, desse condado. Na Primavera de 1911 chegou a Changsh, sentindo-se, nas suas próprias palavras, «extremamente entusiasmado». Aos dezassete anos, despediu-se para sempre da vida de camponês.

Mao afirmou mais tarde que, em Shaoshan, quando era novo tinha ficado muito impressionado e preocupado com os camponeses pobres. Não existe qualquer prova desse facto. Disse que tinha sido influenciado, enquanto ainda em Shaoshan, por um certo P'ang *o Construtor de Pedras para Moinhos*, que tinha sido detido e decapitado depois de liderar uma revolta local de camponeses; mas uma busca exaustiva deste herói efectuada por historiadores do Partido não conseguiu descobrir qualquer traço dele.

Não existe nenhum sinal de que Mao tenha trazido das suas raízes camponesas quaisquer preocupações sociais e muito menos que fosse motivado por um sentido de injustiça. Num documento contemporâneo, o diário do professor de Mao, Yang Chang-chi, a 5 de Abril de 1915, estava escrito: «O meu aluno Mao Tsé-tung disse que... o seu clã... são na sua maior parte camponeses e que *é fácil para eles enriquecerem*» (itálicos nossos). Mao não evidenciava qualquer simpatia pelos camponeses.

Até ao final de 1925, quando já entrara na casa dos trinta, e cinco anos depois de se ter tornado comunista, Mao fez apenas algumas referências a camponeses em todos os seus escritos e conversas conhecidos. Surgiram realmente numa carta de Agosto de 1917, mas longe de expressar simpatia, onde Mao dizia que estava «banzado» com a forma como um comandante chamado Tseng Kuo-fan tinha «acabado com» a maior insurreição de camponeses da história chinesa, a Revolta Taiping de 1850-64. Dois anos depois, em Julho de 1919, Mao escreveu um ensaio sobre pessoas de diferentes quadrantes da vida — por isso os camponeses eram inevitavelmente mencionados —, mas a lista das questões era muito geral e o tom inequivocamente neutro. Havia uma notável ausência de emoção quando mencionava camponeses, por comparação com a paixão que exprimia em relação a estudantes, cuja vida descrevia como «um mar de amargura». Numa extensa lista para investigação que compilou em Setembro desse ano, contendo não menos de 71 itens, apenas um tópico (o décimo) era sobre a classe trabalhadora; o único de entre os seus 15 subtópicos que mencionava camponeses apenas o fazia como «a questão dos trabalhadores agrícolas intervirem na política». A partir do final de 1920, quando entrou para a órbita comunista, Mao começou a utilizar expressões do tipo «trabalhadores e camponeses» e «proletariado». Mas mantiveram-se meras frases, sinais de um vocabulário obrigatório.

Décadas depois, Mao falou de como, quando jovem em Shaoshan, se preocupava com as pessoas que passavam fome. Não há registo de tal preocupação. Em 1921, Mao encontrava-se em Changsh durante uma época de grandes carências. Um amigo dele escreveu no seu diário: «Há muitos pedintes — devem ser mais de cem por dia... A maior parte... parece esqueletos embrulhados em pele amarela, como se pudessem ser levados pelo sopro do vento.» «Ouvi dizer que tantas pessoas que para aqui vieram... para escapar à fome nas suas próprias regiões, morreram — que as que tinham estado a ceder tábuas de madeira [para fazer caixões]... já não se podem dar ao luxo de o fazer.» Não há qualquer menção deste acontecimento nos escritos de Mao dessa época, nem qualquer sinal de que pensasse sequer no assunto.

O passado camponês de Mao não o imbuíu do idealismo de melhorar a vida dos camponeses chineses.

2

Tornar-se Comunista (1911-20; idade 17-26)

Mao chegou a Changsh na Primavera de 1911, nas vésperas da Revolução Republicana que iria pôr fim a mais de dois mil anos de poder imperial. Embora Changsh parecesse «tal e qual uma cidade medieval» para o filósofo britânico Bertrand Russell uma década mais tarde, com «ruas estreitas... não há tráfego possível excepto cadeirinhas e riquexós», não só estava ao corrente de novas ideias e tendências como também fervilhava de actividade republicana.

A corte manchu prometera uma monarquia constitucional, mas os republicanos estavam empenhados em livrarem-se por completo dos Manchus. Para eles, o Governo manchu era um poder «estrangeiro», pois os Manchus não eram chineses Han, o grupo étnico que formava o grosso — cerca de 94% — da população. Os republicanos entusiasmaram as pessoas através de jornais e revistas que tinham surgido por toda a China na década anterior e através da prática inteiramente nova dos debates públicos, na que fora até então uma sociedade quase totalmente fechada. Formaram organizações e lançaram várias — mal-sucedidas — insurreições armadas.

Mao pôs-se rapidamente a par dos assuntos através dos jornais, que lia agora pela primeira vez, com dezassete anos — o início de um vício para toda a vida. Escreveu o seu primeiro ensaio político, bastante confuso, exprimindo opiniões republicanas e colou-o numa parede da escola, em consonância com a última moda. Tal como muitos outros estudantes na escola, cortou o seu rabicho que, como costume manchu, era o símbolo mais evidente do poder imperial. Com um amigo, preparou depois uma emboscada a uma dúzia de outros e removeu-lhes à força os respectivos rabichos com uma tesoura.

Nesse Verão, extremamente quente e húmido como de costume em Changsh, os estudantes debateram febrilmente a questão de como derrubar o imperador. Um dia, a meio de uma apaixonada discussão, um jovem arrancou subitamente

o seu comprido traje académico, atirou-o para o chão e gritou: «Vamos fazer alguns exercícios marciais e prepararmo-nos para a guerra [contra o imperador]!»

Em Outubro, uma insurreição armada na vizinha província de Hubei proclamou a Revolução Republicana. A dinastia manchu, que governara a China durante mais de 260 anos, desagregou-se, e a 1 de Janeiro de 1912 foi declarada uma república. O imperador criança, Pu Yi, abdicou no mês seguinte.

Yuan Shih-kai, chefe militar do país, tornou-se o presidente, sucedendo ao presidente provisório interino, Sun Yat-sen. As províncias eram controladas por homens fortes do exército fiéis a Yuan. Quando Yuan morreu em 1916, o Governo central em Pequim enfraqueceu e o poder fragmentou-se pelos chefes provinciais, que se tornaram senhores da guerra semi-independentes. Durante a década seguinte travaram guerras espasmódicas, que deram cabo da vida civil nas zonas de combate. Mas, fora isso, os senhores da guerra afectaram relativamente pouco a maior parte das pessoas. Na verdade, a inexperiente república governada de forma bastante frouxa abriu todo o tipo de oportunidades de carreira. O jovem Mao tinha à sua frente uma deslumbrante variedade de escolhas — indústria, comércio, direito, administração, educação, jornalismo, cultura, exército. A princípio alistou-se num dos exércitos republicanos, mas saiu passados poucos meses, pois não gostava do treino militar, ou tarefas do género de carregar água para cozinhar, tendo contratado um vendedor de água para fazer o trabalho por ele. Decidiu voltar para a escola e pesquisou a grande quantidade de anúncios nos jornais (os anúncios, coloridos e bastante sofisticados, eram também uma coisa nova na China). Seis instituições chamaram-lhe a atenção, incluindo uma escola de polícia, uma escola de direito — e uma escola que se especializava em fazer sabão. Escolheu um liceu geral e aí ficou durante seis meses antes de o aborrecimento o ter impellido a sair para estudar sozinho na biblioteca provincial.

Por fim, Mao descobriu uma coisa que adorava fazer. Passava aí o dia inteiro, devorando livros novos, incluindo traduções de escritos ocidentais. Disse mais tarde que era como um búfalo carregando sobre uma horta e simplesmente engolindo com voracidade tudo o que lá crescia. Estas leituras ajudaram a libertar-lhe a mente dos constrangimentos tradicionais.

Mas o pai ameaçava não lhe dar nada se ele não entrasse para uma escola a sério, por isso Mao entrou para um instituto de formação de professores. Não eram necessárias propinas, e o alojamento e alimentação eram baratos — tal como acontecia nesse tempo com outros estabelecimentos de ensino dentro do mesmo género, e que faziam parte dos esforços da China para promover a educação.

Estava-se na Primavera de 1913 e Mao tinha dezanove anos. O instituto encarnava a abertura de espírito da época. Até o edifício era de estilo europeu,

com arcos de volta perfeita e um vasto pórtico com colunas, e era adequadamente chamado *yang-lou* — «edifício estrangeiro». As salas de aula tinham elegantes soalhos de madeira e janelas de vidro. Os estudantes eram expostos a todo o tipo de ideias novas e encorajados a pensar livremente e a organizar grupos de estudo. Produziram publicações sobre anarquismo, nacionalismo e marxismo, e durante algum tempo um retrato de Marx esteve pendurado no auditório. Mao encontrara anteriormente, por mero acaso, a palavra «socialismo» num jornal. Agora deparava-se com «comunismo» pela primeira vez. Era um período de verdadeira «Deixem uma Centena de Flores Desabrochar» — uma expressão que Mao invocou mais tarde por momentos durante o seu próprio regime, mas sem permitir uma fracção mínima da liberdade de que ele próprio gozara quando jovem.

Mao não era um solitário e, como todos os estudantes no mundo inteiro, ele e os amigos conversavam muito. O instituto ficava situado perto do rio Xiang, o maior rio de Hunan. Nadar no Xiang inspirou Mao a escrever um poema bastante ostentoso em 1917. No final do dia os amigos davam longos passeios nas margens do rio, saboreando a visão dos juncos a deslizar pela ilha das Laranjas, que estava coberta de laranjais. Nas noites de Verão, subiam ao monte por trás do instituto e sentavam-se a discutir noite dentro na relva onde grilos trinavam e pirilampos cintilavam, ignorando os toques para se irem deitar.

Mao e os amigos também viajavam. Havia completa liberdade de movimentos e não havia qualquer necessidade de documentos de identificação. Durante as férias de Verão de 1917, Mao e um amigo deambularam pelo campo durante um mês, conseguindo alojamento e comida dos camponeses em troca de caligrafia para decorar as portas de entrada das casas. Noutra ocasião, Mao e dois colegas andaram ao longo de uma via-férrea recentemente construída e, quando o crepúsculo chegou, bateram à porta de um mosteiro no cimo do monte, debruçado sobre o rio Xiang. Os monges deixaram-nos passar a noite. Após o jantar os amigos seguiram os degraus de pedra até ao rio onde nadaram e depois sentaram-se na margem arenosa e expuseram as suas opiniões, ao som da ondulação. O quarto de hóspedes tinha um alpendre coberto e os amigos continuaram a falar no sossego da noite. Um deles ficou emocionado com a beleza da noite calma e disse que queria tornar-se monge.

Nesta e noutras conversas, Mao destilava desprezo pelos seus compatriotas chineses. «A natureza das pessoas deste país é a inércia», disse. «Adoram a hipocrisia, estão satisfeitas por serem escravas e tacanhas de espírito.» Este era um sentimento bastante comum entre as pessoas educadas na altura, quando se procuravam explicações para o facto de a China ter sido tão facilmente derrotada por potências estrangeiras e estar a ficar para trás no mundo moderno. Mas o que Mao disse a seguir era de um extremismo invulgar: «O Sr. Mao também

propôs queimar, de uma só vez, todas as colecções de prosa e poesia depois das dinastias Tang e Sung», escreveu um amigo no seu diário.

Esta é a primeira ocasião conhecida em que Mao mencionou um tema que viria a tipificar o seu regime — a destruição da cultura chinesa. Quando o disse pela primeira vez naquele mosteiro iluminado pelo luar, não soou completamente estranho. Naquela época de liberdade pessoal e intelectual sem precedentes, o momento mais livre da história chinesa, tudo o que tinha sido aceite como inquestionável era posto em causa e o que tinha sido considerado errado, proclamado como certo. Deveria haver países? Famílias? Casamento? Propriedade privada? Nada era demasiado ultrajante, demasiado chocante ou indizível.

Foi neste ambiente que as opiniões de Mao sobre a moral se formaram. No Inverno de 1917-18, ainda estudante quando fez vinte e quatro anos, escreveu extensos comentários sobre um livro chamado *System der Ethik*, de um filósofo alemão menor dos finais do século XIX, Friedrich Paulsen. Nessas notas, Mao exprimiu os elementos centrais do seu próprio carácter, que se mantiveram consistentes durante as seis décadas restantes da sua vida e definiram o seu regime.

A atitude de Mao em relação à moralidade consistia num núcleo central, o «eu», acima de tudo o resto: «Não concordo com a ideia de que para se ser moral, o motivo das nossas acções tenha de ser beneficiar os outros. A moralidade não tem de ser definida em relação a outros... Pessoas como eu querem... satisfazer os nossos corações ao máximo e ao fazê-lo automaticamente temos os códigos morais mais valiosos. Claro que há pessoas e objectos no mundo, mas estão lá todos apenas para mim.»

Mao esquivava-se a todos os constrangimentos de responsabilidade e dever: «As pessoas como eu só têm obrigações para si próprias; não temos qualquer obrigação para com as outras pessoas.» «Sou responsável apenas pela realidade que conheço», escreveu, «e absolutamente não responsável por qualquer outra coisa. Não sei nada sobre o passado, não sei nada sobre o futuro. Não têm nada a ver com a realidade do meu próprio eu.» Rejeitava explicitamente qualquer responsabilidade em relação a futuras gerações. «Alguns dizem que temos responsabilidade pela história. Não acredito nisso. Estou apenas preocupado em desenvolver-me a mim próprio... Tenho os meus desejos e é com base neles que actuo. Não sou responsável perante ninguém.»

Mao não acreditava em nada a não ser que pudesse beneficiar pessoalmente disso. Um bom-nome depois da morte, disse, «não pode trazer-me qualquer alegria, porque pertence ao futuro e não à minha própria realidade». «Pessoas como eu não estão a construir coisas para deixar para as gerações futuras.» Mao não se interessava com o que deixava para trás.

Argumentava que a consciência podia ir para o inferno se entrasse em conflito com os seus impulsos:

Estas duas coisas deviam ser o mesmo. Todas as nossas acções... são accionadas por impulso, e a consciência de que é sensato acompanha isso em todos os casos. Por vezes... A consciência refreia impulsos tais como comer demais ou complacência excessiva no sexo. Mas a consciência está lá apenas para refrear, não para opor. E a limitação é para uma melhor realização do impulso.

Como a consciência implica sempre alguma preocupação pelas outras pessoas e não é um corolário de hedonismo, Mao rejeitava esse conceito. A sua opinião era: «Não penso que estes [mandamentos como “não matarás”, “não roubarás” e “não difamarás”] tenham a ver com a consciência. Penso que surgem do interesse pessoal para a autopreservação.» Todas as considerações devem «ser puramente cálculos para nós próprios e não absolutamente para obedecer a códigos éticos externos, ou para os chamados sentimentos de responsabilidade...»

Egoísmo absoluto e irresponsabilidade estão no âmago da visão de Mao.

Pensava que estes atributos estavam reservados para «Grandes Heróis» — um grupo para o qual se elegia. Para esta elite, dizia:

Tudo fora da sua natureza, tal como restrições e constrangimentos, deve ser varrido pela grande força na sua natureza... Quando Grandes Heróis dão largas aos seus impulsos, são magnificamente poderosos, tempestuosos e invencíveis. O seu poder é como um furacão surgindo de uma garganta profunda e como um maníaco sexual com o cio à caça de uma amante... não há forma de os deter.

O outro elemento central do seu carácter que Mao descobrira agora foi a alegria que sentia face a convulsões e destruição. «Guerras gigantescas», escreveu, «durarão tanto quanto o Céu e a Terra e nunca se extinguirão... O ideal de um mundo de Grande Igualdade e Harmonia [*da tong*, a sociedade ideal confuciana] está errado.» Esta não era apenas a predição que um pessimista poderia fazer; era o desiderato de Mao, que asseverava ser o que a população em geral desejava. «A paz duradoura», afirmou:

é insuportável para os seres humanos, e ondas de perturbação têm de ser criadas neste estado de paz... Quando olhamos para a história, adoramos os tempos de [guerra] quando os dramas se sucediam uns atrás dos outros... o que tornava a sua leitura muito divertida. Quando chegamos aos períodos de paz e prosperidade, ficamos entediados... A natureza humana adora mudanças bruscas e súbitas.

Mao simplesmente não conseguia fazer a distinção entre ler sobre acontecimentos convulsivos e viver na realidade tempos de cataclismo. Ignorava o facto de, para a esmagadora maior parte, a guerra significar sofrimento.

Chegou mesmo a expressar uma atitude estouvada em relação à morte:

Os seres humanos são dotados do sentimento da curiosidade. Porque havíamos de tratar a morte de forma diferente? Não queremos experimentar coisas estranhas? A morte é a coisa mais estranha, que nunca experimentaremos se continuarmos a viver... Alguns têm medo dela porque a mudança vem de forma demasiado drástica. Mas penso que é a coisa mais maravilhosa: em que outro sítio neste mundo podemos encontrar uma mudança tão fantástica e drástica?

Utilizando um muito majestático «nós», Mao continuava: «Adoramos navegar num mar de convulsões. Passar da vida para a morte é experimentar a maior convulsão. Não é magnífico?!» Isto pode parecer à primeira vista surreal, mas quando mais tarde dezenas de milhões de chineses morreram de fome sob o seu regime, Mao disse ao seu círculo de colaboradores mais chegados que não importava que as pessoas morressem — e até que a morte devia ser comemorada. Como tantas vezes, aplicava esta postura apenas às outras pessoas, não a si próprio. Durante toda a vida andou obcecado em descobrir formas de frustrar a morte, fazendo tudo o que podia para aperfeiçoar a sua segurança pessoal e intensificar a sua assistência médica.

Quando chegou à questão «como é que mudamos [a China]?», Mao colocou a maior ênfase na destruição: «O país deve ser... destruído e depois formado de novo.» Alargou esta frase não apenas à China mas ao mundo inteiro — e até ao universo: «Isto aplica-se ao país, à nação e ao género humano... A destruição do universo é a mesma coisa... Pessoas como eu anseiam pela sua destruição, porque quando o velho universo estiver destruído, um novo universo se formará. Será muito melhor!»

Estas opiniões, postas por escrito de forma tão clara aos vinte e quatro anos, mantiveram-se no âmago do pensamento de Mao durante toda a sua vida. Em 1918, tinha poucas perspectivas de as pôr em prática e não tiveram qualquer impacte, embora pareça ter sido uma pessoa que impressionava as outras. O seu professor Yang Chang-chi escreveu sobre ele no seu diário, a 5 de Abril de 1915: «O meu aluno Mao Tsé-tung disse que... o seu... pai era um camponês e está agora a transformar-se num comerciante... E contudo, ele [Mao] é tão fino e ilustre. Realmente difícil de encontrar... Como cepa camponesa muitas vezes produz talentos extraordinários, encorajei-o...» Mas Mao não parecia ter qualidades de liderança. Outro professor disse mais tarde que ele não mostrava «talento especial para liderança» no instituto. Quando tentou formar uma espécie

de clube e afixou avisos, apenas algumas pessoas apareceram e a coisa não deu em nada. Quando uma dúzia de amigos formou uma Sociedade de Estudo de Gente Nova, em Abril de 1918, Mao não foi eleito seu líder.

Até lhe foi difícil encontrar trabalho depois de se ter formado pelo instituto de formação de professores, em Junho de 1918. Na altura, era vulgar jovens formados como ele terem a aspiração de ir estudar para o estrangeiro. Para os estudantes cujas famílias não se podiam dar ao luxo de os sustentar, como no caso de Mao, existia um esquema para ir para França num programa de trabalho e estudo. A França precisava de homens para trabalhar depois de ter perdido tantos jovens na Primeira Guerra Mundial (uma das tarefas para as quais os trabalhadores chineses tinham sido trazidos era remover corpos dos campos de batalha).

Alguns dos amigos de Mao foram para França. Mao não. A perspectiva do trabalho físico desencorajou-o. E outro factor parece ter tido a sua influência — a necessidade de aprender francês. Mao não era bom em línguas e durante toda a vida falou apenas o seu próprio dialecto local e nem sequer o *putonghua* — «língua comum» — que o seu próprio regime transformou em língua oficial. Em 1920, quando ir para a Rússia estava na moda e Mao desejava ir (disse a uma namorada «a minha cabeça está cheia de felicidade e esperança» com essa ideia), foi dissuadido pelo facto de ter de aprender russo. Ainda tentou, tendo aulas com um emigrado (e agente) russo, Sergei Polevoy. Mas, segundo Polevoy, os outros alunos meteram-se com Mao quando ele nem sequer conseguiu dominar o alfabeto, e ele afastou-se irritado. Ao contrário de muitos dos seus contemporâneos radicais, incluindo a maior parte dos futuros líderes comunistas chineses, Mao não foi nem para França nem para a Rússia.

Em vez disso, depois de sair do instituto, Mao pediu emprestado algum dinheiro e partiu para Pequim, a capital, para tentar a sua sorte. Pequim em 1918 era uma das cidades mais belas do mundo, onde em frente de magníficos palácios camelos passeavam nas ruas. Os jardins imperiais, perto dos quais Mao encontrou alojamento, tinham sido recentemente abertos ao público. Quando o Inverno chegou, ele e os amigos — todos do Sul, tendo raramente visto neve ou gelo — maravilharam-se com os lagos gelados, cercados por salgueiros inclinados com o peso de pingentes de gelo e ameixas de Inverno totalmente abertas.

Mas a vida na capital era dura. A grande liberdade e oportunidades que a modernização proporcionara à China trouxeram poucas vantagens materiais e uma grande parte do país era ainda extremamente pobre. Mao vivia com sete outros amigos em três minúsculas divisões. Quatro deles apertados num *kang*, uma cama de tijolos aquecidos, debaixo de uma única cobertura, tão juntos que quando um deles precisava de se virar, tinha de avisar os homens que estavam

nas extremidades. Entre os oito, possuíam apenas dois casacos e tinham de sair à vez de casa. Como havia aquecimento na biblioteca, Mao dirigia-se a esta para ler à noite.

Mao não chegou a lado nenhum em Pequim. Durante algum tempo encontrou trabalho como ajudante de bibliotecário, ganhando 8 *yuan* por mês — um salário que dava para viver. Uma das suas tarefas era registar os nomes das pessoas que vinham ler os jornais, muitas das quais reconhecia por serem intelectuais importantes, mas não despertou neles grande impressão e eles não lhe prestaram atenção. Mao sentiu-se humilhado, e ficou muito magoado e zangado com eles (mais tarde afirmou que «a maior parte deles não me tratava como ser humano»). Decorridos menos de seis meses da sua chegada, partiu, tão arruinado que teve de pedir dinheiro emprestado para regressar a casa, viajando por etapas. Voltou a Changsh em Abril de 1919, via Xangai, onde se despediu dos amigos que iam para França. Contemplara de fora a vida intelectual e política das grandes cidades cosmopolitas, e agora tinha de se satisfazer com um emprego modesto como professor de história a tempo parcial numa escola do ensino básico, de novo na sua província natal.

Mao não se apresentou como professor-modelo. Era desleixado e parecia nunca mudar de roupa. Os seus alunos recordaram-se dele desganhado, com buracos nas meias, usando sapatos de algodão feitos em casa e prestes a desfazerem-se. Mas pelo menos observava as conveniências básicas. Dois anos depois, quando ensinava noutra estabelecimento, as pessoas queixaram-se dele por se apresentar nu da cintura para cima. Quando lhe pediram para se vestir de modo mais decente, Mao retorquiu: «Não haveria escândalo nenhum se eu estivesse todo despido. Considerem-se com sorte por eu não estar completamente nu.»

Mao regressou a Changsh num momento histórico crucial. Na altura, havia um certo número de enclaves na China arrendados por potências estrangeiras. Funcionavam fora da jurisdição chinesa, com corvetas de guerra estrangeiras muitas vezes nas proximidades para protegerem os expatriados. A recentemente desperta opinião pública na China exigia que essas quase minicolónias fossem devolvidas. E, contudo, a Conferência de Paz de Paris, de 1919, que preparou o acordo pós-Primeira Guerra Mundial, e na qual uma delegação chinesa participou, permitiu que o Japão continuasse no território de Shandong que tomara à Alemanha durante a guerra. Isto enfureceu o sentimento nacionalista. A 4 de Maio de 1919, pela primeira vez na história, deu-se uma grande manifestação de rua em Pequim acusando o Governo de «se vender» e protestando contra o facto de os japoneses se manterem em território chinês. O movimento

alastrou-se pela China. Produtos japoneses foram queimados nas cidades e vilas, e as lojas que os vendiam foram atacadas. Muitos chineses estavam desiludidos por o Governo republicano não ter conseguido obter um acordo melhor com as potências estrangeiras do que o seu antecessor manchu. Crescia o sentimento de que devia ser feita alguma coisa mais radical.

Em Changsh, onde existiam agora tantos interesses estrangeiros que o Japão, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha tinham aí aberto consulados, formou-se uma associação estudantil militante, que incluía professores. Mao estava activamente envolvido como editor da sua revista, a *Revista do Rio Xiang*. No primeiro número, proclamou as suas opiniões radicais: «Devemos agora duvidar do que não ousávamos duvidar, empregar métodos que não ousávamos empregar.» Era uma operação que envolvia um orçamento muito pequeno: Mao tinha não só de escrever ele próprio a maior parte dos artigos, debaixo de um calor sufocante, enquanto percevejos corriam pela pilha de clássicos chineses em edições baratas que formavam a sua almofada, como também tinha de vender a revista nas esquinas das ruas. Só se publicaram cinco números.

Mao continuou a escrever artigos ocasionais noutros jornais. Entre os que produziu, contavam-se dez artigos relacionados com as mulheres e a família. Mao era um defensor da independência das mulheres, da livre escolha no casamento e da igualdade em relação aos homens — opiniões que não eram invulgares entre os radicais. A expressão destes sentimentos fortes parece ter sido inspirada pela morte, a 5 de Outubro de 1919, da mãe que tanto amava. Tinha estado a enviar-lhe receitas para os seus padecimentos, difteria e problemas com os nódulos linfáticos, e tinha organizado as coisas de modo a que ela fosse para Changsh receber tratamento. Aí, na Primavera desse ano, ela tirou a sua primeira e única fotografia, com cinquenta e dois anos, com os três filhos, uma imagem de paz interior. Mao apresenta uma expressão de calma determinação e distância. Ao contrário dos dois irmãos, que estão vestidos com fatos de agricultores e parecem camponeses acanhados, ele tem um ar elegante na sua veste longa, o vestuário tradicional para estudiosos e aristocratas.

Na relação de Mao com a mãe, enquanto ela parece ter demonstrado amor e complacência incondicionais por ele, o modo como ele a tratava combinava sentimentos fortes com egoísmo. Já tarde na vida, Mao contou a um membro mais próximo do seu *staff* uma história reveladora: «Quando a minha mãe estava a morrer, disse-lhe que não aguentava vê-la agonizante. Queria conservar dela uma imagem bela e disse-lhe que queria manter-me afastado algum tempo. A minha mãe era uma pessoa muito compreensiva e concordou. Por isso a imagem da minha mãe na minha mente foi sempre e ainda hoje é de beleza e saúde.» No leito de morte da mãe, a pessoa que teve prioridade na consideração de Mao foi ele próprio, não a mãe, e nem sequer hesitou em dizê-lo.

De modo menos surpreendente, Mao tratou friamente o pai moribundo. Yi-chang morreu de febre tifóide, a 23 de Janeiro de 1920, e antes de morrer desejou muito ver o filho mais velho, mas Mao manteve-se afastado e não mostrou qualquer sentimento de tristeza por ele.

Num artigo escrito a 21 de Novembro de 1919, pouco depois da morte da mãe e intitulado «Sobre a Independência das Mulheres», Mao afirmava que «as mulheres conseguem fazer tanto trabalho físico quanto os homens. Só que não podem fazer esse tipo de trabalho durante o parto.» Assim, a sua resposta à «independência das mulheres» era que «as mulheres devem preparar-se o suficiente... antes de se casarem para se poderem sustentar», e até que «as mulheres devem elas próprias armazenar provisões para o período do parto». Evidentemente, como homem, Mao não queria ter de cuidar das mulheres. Não queria qualquer responsabilidade em relação a elas. Além disso, a sua insistência de que as mulheres conseguiam fazer o mesmo tipo de trabalho manual do que os homens, o que era contrário à realidade óbvia, mostrava que sentia pouca ternura por elas. Quando chegou ao poder, o aspecto principal da sua abordagem no que se referia às mulheres era entregar-lhes trabalho manual pesado. Em 1951, redigiu a sua primeira frase para o Dia da Mulher, que dizia: «Unam-se para participar na produção...»

No final de 1919, estudantes e professores radicais em Hunan iniciaram uma campanha para destituir o governador provincial, que se chamava Chang Ching-yao. Mao foi com uma delegação fazer pressão junto do Governo central em Pequim, escrevendo petições e panfletos no altar dum templo tibetano onde estava alojado. Embora a delegação não tivesse conseguido o seu objectivo, Mao conseguiu, como radical importante de Hunan, conhecer algumas personalidades famosas, incluindo Hu Shih, uma importante figura liberal, e Li Ta-chao, um proeminente marxista.

Mas foi no regresso, via Xangai, que Mao teve o encontro crucial que iria mudar a sua vida. Em Junho de 1920 visitou um certo professor Chen Tu-hsiu, na altura o mais importante intelectual marxista da China, que estava a formar um Partido Comunista Chinês (PCC). Mao escrevera um longo artigo apelidando-o de «uma estrela brilhante no mundo do pensamento». Com quarenta anos, Chen era o líder incontestado dos marxistas chineses, um verdadeiro crente, carismático, com um temperamento volúvel.

A ideia de formar este Partido Comunista não proviera do professor nem de qualquer outro chinês. Tivera origem em Moscovo. Em 1919, o novo Governo soviético formara a Internacional Comunista, o Comintern, para fomentar a revolução e influenciar a política, no interesse de Moscovo, em todo o mundo.

Em Agosto, Moscovo lançou um vasto programa secreto de acção e subversão para a China, dando início a um empenhamento de dinheiro, homens e armas com a duração de três décadas e que culminou com a colocação no poder dos comunistas liderados por Mao, em 1949 — o triunfo mais duradouro da Rússia Soviética em política externa.

Em Janeiro de 1920, os bolchevistas apoderaram-se da Sibéria Central e estabeleceram uma ligação por terra com a China. O Comintern enviou um representante, Grigori Voitinsky, para a China, em Abril. Em Maio estabeleceu um centro em Xangai, com a ideia, como outro agente informou Moscovo, de «construir um Partido Chinês». Grigori Voitinsky propôs então ao professor Chen que fosse formado um Partido Comunista. Em Junho, Grigori Voitinsky informava o seu país que Chen devia ser nomeado secretário do Partido (ou seja, o seu dirigente) e que estava a contactar «revolucionários em várias cidades».

Foi exactamente nessa altura que Mao apareceu à porta de Chen. Dera por acaso com a emergência do PCC. Mao não foi convidado para ser um dos fundadores. Nem, ao que parece, lhe foi comunicado que o Partido estava prestes a ser formado. Os oito fundadores ou perto disso eram todos eminentes marxistas e Mao ainda nem sequer dissera que acreditava no marxismo. O Partido foi fundado em Agosto, depois de Mao ter saído de Xangai.*

Mas embora não sendo um dos fundadores, Mao estava no anel exterior imediato. O professor Chen atribuiu-lhe a tarefa de abrir uma livraria em Changsh para vender literatura produzida pelo Partido. O professor estava prestes a transformar o seu influente periódico mensal, *Nova Juventude*, na voz do Partido. O número de Julho trazia artigos elogiosos sobre Lenine e o Governo soviético. A partir desse Outono a revista foi subsidiada pelo Comintern.

O trabalho de Mao era distribuir o *Nova Juventude* e outras publicações comunistas (bem como vender outros livros e revistas). Embora não sendo um comunista empenhado, Mao era um radical. Também adorava livros e acolheu com prazer um emprego. Imediatamente a seguir ao seu regresso a Changsh, um anúncio publicado sobre a livraria continha a bizarra declaração, redigida por ele próprio, de que: «Não há qualquer cultura nova no mundo inteiro. Apenas uma pequena flor de nova cultura foi descoberta na Rússia, nas costas do oceano Ártico.» A livraria fez imediatamente uma encomenda de 165 exemplares do número de Julho do *Nova Juventude*, de longe a maior encomenda. Outra

* Este tem sido um ponto delicado para Mao e seus sucessores e, em consequência, a história oficial aponta a fundação do Partido para 1921, data em que pela primeira vez Mao pôde ser comprovadamente localizado num conclave do Partido, o I Congresso. O facto foi devidamente comemorado com um museu em Xangai que consagra o mito de que Mao foi um membro fundador do Partido. Que o Partido foi fundado em 1920 e não em 1921 pode ser confirmado tanto pela revista oficial do Comintern como por um dos emissários de Moscovo que organizou o I Congresso.

encomenda grande, 130 exemplares, foi para *Mundo dos Trabalhadores*, uma nova revista do Partido para os trabalhadores. A maior parte dos outros periódicos que a livraria encomendava era radical e pró-Rússia.

Mao não estava a arriscar o pescoço ao empreender actividades pró-comunistas, que não eram um crime. Por agora, a Rússia comunista estava na realidade em voga. Em Changsh, uma Sociedade de Estudo da Rússia estava a ser fundada, com uma personalidade tão importante como o chefe do condado como seu dirigente. A popularidade da Rússia era em grande parte devida a uma fraude perpetrada pelo novo Governo bolchevista — a afirmação de que renunciava aos velhos privilégios e territórios czaristas na China, quando de facto os manteve. O território controlado pela Rússia cobria mais de um quarto de um milhão de hectares e constituía a maior concessão estrangeira no país.

Mao era responsável pela livraria, mas contratou um amigo para a gerir. Uma característica importante emergiu nesta altura — tinha o dom de delegar trabalho difícil e de perceber quais as pessoas indicadas para o desempenharem. Mao atribuiu-se a si próprio o título de «homem de ligação especial», solicitando doações dos ricos e lidando com os editores, bibliotecas, universidades e intelectuais importantes em todo o país. O professor Chen e um certo número de luminárias estavam registados como patronos da livraria, o que enaltecia grandemente a posição de Mao e o ajudou a obter um lugar honroso como director da escola primária ligada ao seu velho instituto.

Não existem provas de que Mao tenha formalmente entrado nesta altura para o Partido, embora perto de Novembro, graças à livraria, contasse como «um de nós». Quando Moscovo decidiu formar uma organização em Hunan chamada Liga da Juventude Socialista, para criar um reservatório para potenciais membros do Partido, Mao foi contactado para fazer o trabalho. No mês seguinte, numa carta para amigos em França, declarava que «concordava profundamente» com a ideia de «usar o modelo russo para reformar a China e o mundo». Foi a sua primeira expressão de crença no comunismo.

A aproximar-se dos vinte e sete anos, Mao tornara-se um comunista — não após uma viagem idealista, ou impulsionado por uma crença apaixonada, mas estando no sítio certo na altura certa e tendo-lhe sido dado um trabalho que tinha muito a ver com a sua natureza. Tinha sido com efeito incorporado numa organização em expansão.

O seu melhor amigo na altura, Siao-yu, pensava que o custo do método russo era demasiado elevado e escreveu a Mao de França explicando o que ele e alguns outros sentiam:

Não pensamos que alguns seres humanos devam ser sacrificados pelo bem-estar da maior parte. Somos a favor de uma revolução moderada, através da educação e procurando o bem-estar de todos... Consideramos as revoluções ao estilo russo — marxista — como eticamente erradas...

Mao resumiu a abordagem deles como «usando meios pacíficos para procurar a felicidade de todos». Argumentou contra esta abordagem, não fundamentado em causas idealistas mas invocando realismo puro: «Tenho dois comentários... tudo muito bem em teoria; mas não pode ser realizado na prática.» «Os ideais são importantes», dizia Mao, «mas a realidade é ainda mais importante.»

Mao não era um crente fervoroso. Esta ausência de empenhamento sentido, do fundo do coração, resultaria numa relação muito pouco convencional e invulgar com o seu partido durante toda a vida, mesmo quando foi o dirigente desse mesmo partido.

Um Crente Pouco Convicto (1920-25; idade 26-31)

Na mesma altura em que Mao se envolveu com o Partido Comunista, desenvolveu uma relação com a filha do seu antigo professor Yang Chang-chi. Yang Kai-hui, oito anos mais nova do que Mao, viria a tornar-se a sua segunda mulher.

Yang Kai-hui nasceu em 1901 num local idílico nos arredores de Changsh. Criança delicada e sensível, foi educada pela mãe, que descendia de uma família de estudiosos, enquanto o pai passou onze anos no estrangeiro, no Japão, Grã-Bretanha e Alemanha, estudando ética, lógica e filosofia. Quando regressou a Changsh, na Primavera de 1913, trouxe com ele hábitos europeus e encorajou a filha a juntar-se a ele e aos estudantes do sexo masculino às refeições, o que era algo de inaudito na época. Bela, elegante, melancólica e exprimindo-se bem, desconcertava todos os jovens rapazes.

O pai dela estava impressionado com o cérebro de Mao e deu-lhe altas recomendações para pessoas influentes. «Digo-lhe seriamente», escreveu a um deles, «estas duas pessoas [Mao e outro estudante, Cai He-sen] são talentos raros na China e terão um grande futuro... deverá prestar-lhes grande atenção.» Quando se tornou professor de ética na Universidade de Pequim, em 1918, convidou Mao a ficar com a sua família durante a primeira — e infrutífera — aventura de Mao em Pequim. Kai-hui tinha nessa altura dezassete anos e Mao estava muito interessado nela, mas ela não correspondia. Escreveu anos mais tarde:

Quando tinha cerca de dezassete ou dezoito anos, comecei a ter as minhas próprias opiniões sobre o casamento. Era contra qualquer casamento que envolvesse rituais. Também pensava que ao procurar deliberadamente o amor perderia fácil e inevitavelmente o verdadeiro, o sagrado, o incrível, o mais elevado, o mais belo e

inultrapassável amor!... Existe uma expressão que exprimia melhor os meus pensamentos: «A não aceitar se não for perfeito.»

Em Janeiro de 1920, o pai de Kai-hui morreu. Mao estava em Pequim, na sua segunda viagem, e passou muito tempo com a família. Foi nessa altura que ela se apaixonou por Mao. Escreveria:

O pai morreu! O meu querido pai morreu! Claro que fiquei muito triste. Mas senti que a morte era também um alívio para o pai e por isso não fiquei demasiado triste.

Mas não esperava ter tanta sorte. Tinha um homem que amava. Amava-o realmente muito. Tinha-me apaixonado por ele depois de ter ouvido tanto a seu respeito e lera muitos dos seus artigos e diários... Embora o amasse, não o mostrava. Estava convencida de que o amor estava nas mãos da natureza e não devia presunçosamente exigí-lo ou persegui-lo...

Por isso ainda se retraía. Depois separaram-se quando Kai-hui escoltou o caixão do pai de volta a Changsh, onde entrou para uma escola missionária. A distância apenas lhe exacerbou os sentimentos. Recordou mais tarde:

Ele escrevia-me muitas cartas, expressando o seu amor. Eu ainda não ousava acreditar que tivesse tanta sorte. Se não fosse uma amiga que conhecia os sentimentos dele [de Mao] e que me falou deles — dizendo que ele era muito infeliz por minha causa — acredito que teria ficado solteira toda a vida. Desde que fiquei a conhecer os seus verdadeiros sentimentos por mim, desde esse dia, tive uma nova percepção. Senti que para além de viver para a minha mãe, estava também a viver para ele... Imaginava que se houvesse um dia em que ele morresse e que a minha mãe também já não estivesse comigo, certamente o seguiria e morreria com ele!

Quando Mao voltou a Changsh mais tarde nesse mesmo ano, tornaram-se amantes. Mao vivia na escola onde era director e Kai-hui visitava-o aí. Mas não ficava durante a noite. Não eram casados e estávamos em 1920, quando viver com um homem sem casamento era impensável para uma senhora. Nem Mao queria ser manietado. Numa carta para um amigo a 26 de Novembro, invectivou: «Penso que todos os homens e mulheres no sistema de casamento não estão noutra coisa senão numa “liga de violação”... Recuso juntar-me a esta liga de violação.» Abordou a ideia de formar uma «Aliança de Resistência ao Casamento», dizendo: «Mesmo que mais ninguém concorde comigo, sou a minha própria “aliança de um só homem”.»

Uma noite, depois de ela já ter partido, Mao não conseguia dormir e escreveu um poema que abria com estas linhas:

Tristeza, acumulada na minha almofada, qual é a tua forma?
 Como ondas em rios e mares, agitas-te sem descanso.
 Quão longa a noite, quão escuro o céu, quando nascerá a luz?
 Irrequieto, sentei-me, veste atirada pelos ombros, no frio.
 Quando a madrugada por fim chegou, apenas cinzas restavam
 dos meus cem pensamentos...

Auxiliado por este poema, Mao conseguiu persuadir Kai-hui a ficar durante a noite. As paredes eram apenas tábuas finas e alguns dos residentes queixavam-se quando o par fazia amor apaixonadamente. Um vizinho citou uma regra que dizia que as mulheres dos professores estavam proibidas de dormir na escola, mas Mao era o director: alterou a regra e iniciou o precedente de que as mulheres dos professores podiam morar nas escolas.

Para Kai-hui, ficar durante a noite significava entregar-se por completo. «A minha força de vontade já cedera há muito tempo», escreveria, «e permitira-me viver num romance de amor. Tinha chegado à conclusão: “Que o Céu se desmorrone e a Terra se afunde! Que seja este o fim!” Que significado teria a minha vida se eu não vivesse para a minha mãe e para ele? Assim vivia numa vida de amor...»

Os sentimentos de Mao não tinham comparação com os de Kai-hui e ele continuava a encontrar-se com outras namoradas, em particular com uma professora viúva chamada Si-yung, que era três anos mais nova do que ele. Ela ajudava muito na angariação de fundos para a livraria, pois algumas das suas alunas provinham de famílias ricas. Ela e Mao viajavam como um casal.

Quando Kai-hui descobriu ficou destroçada: «Depois subitamente, um dia, uma bomba caiu-me na cabeça. A minha débil vida foi devastadoramente atingida e quase destruída por este golpe!» Mas perdoou a Mao. «Contudo, foi só como me senti quando soube pela primeira vez as notícias. No fim de contas, ele não é um homem vulgar. Ela [Si-yung] amou-o tão apaixonadamente que faria tudo por ele. Ele também a amou, mas não me trairia e não me traiu no final.» Mao parece ter dado uma explicação satisfatória do caso amoroso afirmando que se sentia inseguro do amor de Kai-hui. Ela decidiu acreditar nele:

... agora a tampa no seu coração e no meu coração foram ambas levantadas. Vi o coração dele e ele viu o meu na sua totalidade. (Temos ambos temperamentos orgulhosos, eu mais naquela altura. Estava a fazer tudo para impedi-lo de ver o meu coração — o meu coração de amor por ele — por isso ele começou a duvidar de

mim e pensou que eu não o amava. E, por causa do orgulho dele, não deixava que nenhuns sentimentos se mostrassem. Só agora nos compreendemos verdadeiramente um ao outro.) Em consequência, ficámos mais chegados do que nunca.

Kai-hui foi viver com Mao e casaram-se no final de 1920. Na altura, os radicais evitavam determinadamente os velhos rituais familiares que cimentavam o casamento e um sistema de registo novo ainda não fora adoptado, por isso nem sequer houve um certificado formal.

Devido ao seu casamento, Kai-hui foi expulsa da escola da missão. Os casos amorosos de Mao continuaram e na realidade iniciou duas novas relações imediatamente a seguir ao casamento. Um amigo próximo de Mao na época disse-nos isto escrevendo os caracteres *bu-zhen*, «infiel», na mesa com o dedo. Uma destas ligações era com uma prima de Kai-hui. Quando Kai-hui descobriu, ficou tão perturbada que bateu na prima, mas raramente fazia cenas e manteve-se fiel a Mao. Escreveria mais tarde com resignação:

Soube de muito mais coisas e, gradualmente, comecei a entendê-lo. Não apenas ele, mas a natureza humana em todas as pessoas. Qualquer pessoa que não tenha um impedimento físico tem de ter dois atributos. Um é o impulso sexual e o outro é a necessidade emocional de amor. A minha atitude era deixá-lo em paz e deixar as coisas correrem.

Kai-hui não era de modo nenhum uma esposa chinesa convencional obrigada pela tradição a aguentar o comportamento impróprio do marido. De facto era uma feminista, e mais tarde escreveu um ensaio sobre os direitos das mulheres: «As mulheres são seres humanos, tal e qual como os homens... Irmãs! Devemos lutar pela igualdade entre homens e mulheres e não devemos absolutamente permitir que as pessoas nos tratem como se fôssemos um acessório.»

Na época do segundo casamento de Mao, Moscovo estava a incrementar os seus esforços para fomentar a subversão na China. Começou secretamente a treinar um exército chinês na Sibéria e explorava a possibilidade de uma intervenção armada na China, como tinha acabado de tentar, sem êxito, na Polónia. Simultaneamente, estava a criar uma das suas maiores redes de espionagem no mundo, com uma agência do KGB já estabelecida em Xangai e inúmeros agentes, quer civis quer militares (GRU), noutras cidades-chave, incluindo Cantão e, claro, Pequim.

A 3 de Junho de 1921, chegaram de Moscovo novos representantes de topo, ambos sob pseudónimos — um russo da espionagem militar chamado Nikolsky

e um holandês chamado Maring, que tinha sido agitador nas Índias Orientais Holandesas. Estes dois agentes disseram aos membros do PCC em Xangai para convocarem um congresso para formalizar o Partido. Foram despachadas cartas para sete regiões onde tinham sido estabelecidos contactos, pedindo a todos para enviarem dois delegados e juntando 200 *yuan* para cada um a fim de cobrir as despesas da viagem até Xangai. Um conjunto de convites e dinheiro chegou a Mao em Changsh. Duzentos *yuan* era o equivalente a quase dois anos de salário no seu posto de ensino e muito mais do que a viagem poderia exigir. Que se saiba foi o primeiro pagamento em dinheiro feito a Mao vindo de Moscovo.

Como co-delegado escolheu um amigo de 45 anos chamado Ho Shu-heng. Partiram com bastante secretismo na noite de 29 de Junho num pequeno barco a vapor, sob um céu tempestuoso, recusando as ofertas de amigos de se irem despedir deles. Embora não houvesse nenhuma lei contra actividades comunistas, tinham motivos para manterem as coisas pouco visíveis, pois aquilo em que estavam metidos era uma conspiração — conluio para estabelecer uma organização formada com fundos estrangeiros, com o objectivo tomarem o poder por meios ilegais.

O primeiro Congresso do PCC abriu em Xangai a 23 de Julho de 1921, assistido por 13 pessoas — todos jornalistas, estudantes ou professores — representando um total de 57 comunistas, a maior parte com ocupações semelhantes. Nem um deles era um trabalhador. Nenhum dos dois membros mais prestigiados do Partido, os professores Li Ta-chao e Chen Tu-hsiu, estava presente, embora o último tivesse sido designado dirigente do Partido. Os dois emissários de Moscovo dirigiram o espectáculo.

Maring, alto e com bigode, fez o discurso de abertura em inglês, traduzido por um dos delegados. Os participantes pareceram recordar a sua duração — várias horas — mais do que o seu conteúdo. Nessa altura, na China, eram raros os discursos longos. Nikolsky foi lembrado como o que fez o discurso mais curto.

A presença dos estrangeiros, e o controlo por eles exercido, tornou-se de imediato um problema. A presidência do congresso foi atribuída a um certo Chang Kuo-tao (mais tarde o grande desafiador de Mao), porque estivera na Rússia e tinha ligações com os estrangeiros. Um delegado recordou que, a dada altura, Kuo-tao propôs cancelar a resolução da noite anterior. «Confrontei-o: como é que uma resolução passada pela reunião podia ser simplesmente cancelada? Ele disse que era a opinião dos representantes russos. Fiquei extremamente zangado... “Então não precisamos de ter reuniões, recebemos apenas ordens dos russos”». O protesto foi em vão. Outro delegado sugeriu que antes de apoiar os planos russos deviam investigar se o bolchevismo realmente funcionava e propôs enviarem uma missão à Rússia e uma à Alemanha — uma proposta que alarmou os homens de Moscovo e foi devidamente rejeitada.

Mao falou pouco e teve pouco impacto. Comparado com delegados das cidades maiores, tinha algo de provinciano, vestido com uma veste tradicional de algodão e sapatos pretos de algodão, em vez de um fato estilo europeu, o vestuário de muitos jovens progressistas. Não procurou impressionar e ficou satisfeito sobretudo por escutar.

A reunião teve início numa casa na Colónia Francesa, e a Polícia, nestes enclaves, conhecidos como «Concessões», mantinha-se vigilante em relação a actividades comunistas. Na noite de 30 de Julho um estranho irrompeu por ali dentro e Maring, cheirando-lhe a espião da Polícia, ordenou aos delegados que partissem. Os participantes chineses retiraram-se para uma pequena cidade nos arredores de Xangai chamada Jiaxing, num lago salpicado de castanhas-de-água. Os homens de Moscovo mantiveram-se afastados desta sessão final por receio de atrair as atenções.

A mulher de um delegado de Xangai veio da cidade perto do lago e alugou um barco de recreio, onde os delegados se sentaram a uma mesa encerada na qual tinham sido dispostos alimentos, bebidas e jogos de *mahjong*. Um grosso biombo de madeira trabalhada separava esta câmara interior da parte da frente aberta, mas abrigada, do barco, onde a mulher do delegado se sentou de costas para o biombo. Contou-nos como, quando outros barcos passavam, ela batia no biombo com o leque e lá dentro as peças de *mahjong* retiniam muito alto quando eram embaralhadas. Passado pouco tempo começou a chover, e o barco ficou envolto em chuva. Neste ambiente dramático foi proclamado o Partido Comunista Chinês — um tanto inconcludentemente, pois sem a presença dos homens de Moscovo não foi possível finalizar nenhum programa. O congresso nem sequer emitiu um manifesto ou carta de princípios.

Cada delegado recebeu outros 50 *yuan* para a viagem de regresso. Isso permitiu a Mao partir e fazer, comodamente, algum turismo em Hangzhou e Nanquim, onde se encontrou de novo com a namorada Si-yung.*

A dependência de Moscovo e do seu dinheiro manteve-se um ponto doloroso para muitos no Partido. O professor Chen, que veio a Xangai em finais de Agosto para ocupar o lugar de secretário, informou os seus camaradas: «Se recebermos o dinheiro deles, teremos de receber as suas ordens.» Propôs, em vão, que nenhum deles deveria ser revolucionário profissional a tempo inteiro, mas que deveriam ter empregos independentes e utilizá-los para disseminar as ideias da revolução.

* Si-yung morreria de doença em 1931.

Chen discutia com veemência com Maring sobre a insistência deste último de que o PCC era automaticamente um ramo do Comintern e em particular sobre a noção de que Nikolsky tinha de supervisionar todas as suas reuniões. «Temos de ser controlados desta maneira?», gritava. «Assim simplesmente não vale a pena!» Muitas vezes recusava encontrar-se com Maring durante semanas a fio. Chen vociferava, batia com o punho na mesa e até atirava com chávenas pelo ar. A alcunha que Maring lhe deu era *o vulcão*. Nas frequentes ocasiões em que Chen explodia, Maring ia para a sala ao lado fumar enquanto Chen se tentava acalmar.

Mas sem os fundos de Moscovo, o PCC nem sequer conseguia começar a empreender quaisquer actividades, tais como a publicação de literatura comunista e a organização de um movimento de trabalhadores. Num período de nove meses (Outubro de 1921-Junho de 1922), das suas despesas de 17 655 *yuan*, menos de 6% correspondiam a fundos angariados na China, enquanto mais de 94% provinham dos russos, como o próprio Chen comunicou a Moscovo. Na verdade, havia muitos outros grupos comunistas na China na altura — pelo menos sete entre 1920 e 1922, um deles reivindicando um total de 11 000 membros. Mas sem os fundos russos, todos eles se desfizeram.

Ao contrário de Chen, Mao não mostrava quaisquer escrúpulos em aceitar o dinheiro de Moscovo. Era realista. Os fundos russos também lhe transformaram a vida. Depois do congresso, começou a receber 60-70 *yuan* por mês do Partido para a secção de Hunan, em breve aumentados para cem e depois para 160-170. Este rendimento enorme e regular fazia uma tremenda diferença. Mao sempre tivera falta de dinheiro. Tinha dois empregos, director de escola e jornalista modesto, e receava ter de depender destas duas ocupações para ganhar a vida. Em duas cartas escritas nos finais de Novembro de 1920 a um amigo, queixara-se amargamente, dizendo: «Uma vida usando apenas a boca e o cérebro é miséria até ao extremo... Muitas vezes passo sem uma pausa durante três ou quatro horas [*sic*], mesmo trabalhando noite dentro... A minha vida é na verdade demasiado dura.»

Depois dissera a alguns amigos: «No futuro, muito provavelmente terei de viver dos salários destes dois empregos. Penso que os empregos que utilizam apenas o cérebro são muito difíceis, por isso estou a pensar aprender alguma coisa que utilize trabalho manual, como passajar meias ou fazer pão.» Como Mao não tinha qualquer inclinação para trabalho manual, sugerir tal ideia mostrava que atingira um beco sem saída.

Mas agora estava confortavelmente melhor como revolucionário profissional subsidiado. Desistiu do jornalismo e até se demitiu do seu emprego como director da escola, conseguindo por fim usufruir do tipo de existência com que até àquele momento só conseguira sonhar. Parece ter sido nesta altura que

desenvolveu o hábito de toda uma vida de dormir até tarde e ficar acordado a ler à noite. Numa carta para o seu velho melhor amigo Siao-yu, escrita dois meses depois do 1.º Congresso, estava quase em êxtase:

Passo agora a maior parte do tempo a tratar da minha saúde e estou muito mais em forma. Sinto-me agora extremamente satisfeito porque, para além de estar a ficar mais saudável, não tenho qualquer carga de trabalho ou responsabilidade. Estou ocupado a comer bem todos os dias, quer saciando o meu estômago quer melhorando a minha saúde. Posso também ler todos os livros que queira ler. É realmente «Uau, fantástico».

Conseguir comer à sua vontade e ler até ficar plenamente satisfeito era a ideia que Mao fazia de uma boa vida.

Em Outubro de 1921 conseguiu começar a viver com Kai-hui, num local chamado Lago de Água Transparente, e tinha dinheiro suficiente para se dar ao luxo de ter criados. Era um sítio maravilhoso, onde a água corria para um grande lago e mudava de lamacenta para transparente, dando assim à povoação o seu nome. A casa era um edifício tradicional, com vigas de madeira pretas e paredes de tijolo de várias cores, sobranceira a campos de legumes e tendo por trás montes baixos.

Em teoria, a casa era o escritório da secção do Partido em Hunan; e como líder provincial do Partido uma das tarefas principais de Mao era recrutar membros, mas não aplicou muito zelo à causa. Quando lhe fora pedido pela primeira vez para fazer recrutamento para a Liga da Juventude, em Novembro de 1920, delegara o trabalho noutra pessoa e partira de férias com a namorada Si-yung, afirmando que partia «para investigar a educação».

Ao contrário da maior parte dos ditadores fundadores — Lenine, Mussolini, Hitler —, Mao não inspirou adeptos apaixonados através da sua oratória ou apelo ideológico. Procurou simplesmente recrutas entre o seu círculo imediato de conhecidos, pessoas que aceitassem as suas ordens. O seu primeiro recruta, o amigo e gerente da livraria, Yi Li-rong, descreveu como, logo depois de Mao ter regressado do 1.º Congresso, chamou Yi ao exterior da livraria. Encostado a uma vedação de bambu no pátio, disse a Yi que devia aderir ao Partido. Yi murmurou algumas ressalvas, de como tinha ouvido dizer que tinham morrido milhões de pessoas na Revolução Russa; mas, como nos contou, Mao «pediu-me para ingressar no Partido e por isso ingressei». Foi assim que Mao formou a sua primeira secção do Partido em Changsh. Era formada por apenas três homens: ele, Yi e o amigo que tinha levado ao 1.º Congresso.

Aqueles que ingressaram de seguida eram membros da família de Mao — a mulher e os irmãos, que ele mandara vir da aldeia. Tsé-min tinha estado a gerir o

negócio da família e tinha jeito para as contas. Ocupou-se das finanças de Mao. Mao convocou mais parentes da sua aldeia para Changsh e distribuiu vários empregos. Alguns destes entraram para o Partido. Fora do seu círculo de família e amigos, o recrutamento era escasso. Pescava sobretudo muito perto de casa.

Na verdade, nessa época, muitos jovens em Hunan sentiam-se atraídos para o comunismo, incluindo o homem que se tornaria o número dois de Mao, e presidente da China, Liu Shao-chi, e um certo número de outros futuros líderes do Partido. Mas estes foram apresentados ao Partido não por Mao, mas por um marxista na casa dos cinquenta chamado Ho Min-fan, que tinha sido chefe do condado de Changsh. Min-fan apadrinhou Liu e outros para entrarem para a Liga da Juventude Socialista em finais de 1920 e estabeleceu os contactos para conseguir que fossem para a Rússia. Ele próprio não chegou a ir ao 1.º Congresso do Partido porque o convite fora enviado a Mao, que era extremamente invejoso de Min-fan, em especial devido ao seu êxito no recrutamento. Quando Liu Shao-chi regressou de Moscovo em 1922, Mao atormentou-o com perguntas para saber como Min-fan conseguira aquilo.

Logo que Mao se tornou chefe oficial da secção do PCC, planeou expulsar o seu rival involuntário. Min-fan dirigia um centro de aulas público que ocupava uma bela propriedade, um imponente templo de clã chamado Montanha do Barco. Afirmando necessitar dele para o Partido, Mao mudou-se para esse local com o seu grupo e tornou a vida tão impossível a Min-fan que este acabou por abandonar tanto as instalações como os círculos do Partido. Mao disse a Liu Shao-chi um ano mais tarde que Min-fan, o mentor de Liu, tinha sido «desobediente. Por isso corremos com ele da Montanha do Barco». Ao usar a palavra «desobediente», especialmente em relação a alguém muito mais velho, Mao estava a revelar o seu lado arruaceiro. Não se comportara deste modo anteriormente. Quando conheceu pela primeira vez o seu amigo o liberal Siao-yu, Mao inclinara-se em sinal de respeito. Tinha sido cortês tanto com os seus pares como com os seus superiores. O sabor do poder alterara-lhe o comportamento.* A partir desta altura, as amizades de Mao foram apenas com pessoas que não constituiriam uma ameaça para ele e eram largamente apolíticas. Não era amigo de qualquer dos seus colegas políticos e quase nunca se dava com eles, socialmente falando.

A remoção de Min-fan foi a primeira luta pelo poder de Mao. E saiu vencedor. Sob a liderança de Mao, não havia qualquer comité do Partido. As reuniões eram raras. Havia apenas Mao a dar ordens, embora ele tivesse o cuidado de reportar regularmente a Xangai, como era exigido.

* Siao-yu separou-se de Mao por volta desta altura e mais tarde tornou-se funcionário do Governo nacionalista. Morreu no Uruguai em 1976.



Mao não estava a fazer nada em relação a outra grande tarefa, que era organizar sindicatos de trabalhadores. Não sentia mais simpatia pelos trabalhadores do que sentia pelos camponeses. Escrevendo a um amigo em Novembro de 1920, em que se queixava das suas próprias condições como intelectual, observou: «Penso que os trabalhadores na China não sofrem realmente de más condições físicas. Só os estudiosos sofrem.»

Em Dezembro de 1921, os trabalhadores de Anyuan, um importante centro mineiro escarranchado na fronteira de Hunan-Jiangxi, escreveram a pedir ajuda aos comunistas e Mao foi até à mina — a primeira vez registada em que se aproximou de quaisquer trabalhadores. Permaneceu aí alguns dias e a seguir partiu, delegando o trabalho prático noutra pessoa qualquer. Depois deste breve mergulho no mundo fuliginoso das minas de carvão, informou Xangai que «andara muito aflito» a «organizar trabalhadores».

No entanto, existiam ali organizadores eficazes dos trabalhadores, especialmente dois não comunistas que fundaram um Sindicato dos Trabalhadores de Hunan e recrutaram mais de 3000 dos aproximadamente 7000 trabalhadores de Changsh. Foram os dois detidos em Janeiro de 1922 quando lideravam uma greve de grandes proporções. Foram executados de madrugada — golpeados até à morte à maneira tradicional, um acontecimento que deu origem a uma tempestade de protestos em toda a nação. Quando mais tarde perguntaram ao governador que os matou por que é que não tinha escolhido Mao como alvo, a resposta foi que não o considerara uma ameaça.

Foi graças à sua ineficácia na organização dos trabalhadores e no recrutamento que Mao foi posto de parte no 2.º Congresso do Partido em Julho de 1922. Foi uma ocasião muito importante, pois aprovou uma carta de princípios e sancionou a junção ao Comintern, aceitando-se assim formalmente o controlo total de Moscovo. Mais tarde, Mao tentou justificar a sua ausência afirmando que «tencionava assistir», mas «esqueci o nome do local onde se iria realizar, não consegui encontrar nenhuns camaradas e faltei». De facto, Mao conhecia muitas pessoas do Partido em Xangai, incluindo alguns dos delegados, e não havia qualquer hipótese de poder ter acidentalmente faltado ao que era uma ocasião muito formal. A sua ausência do Congresso significava que podia perder a sua posição como chefe do Partido em Hunan. Os fundos russos já não viriam através dele e teria de receber ordens de outra pessoa. Esta perspectiva incitou-o a agir: primeiro visitou uma mina de chumbo e zinco em Abril de 1922, e em Maio voltou a Anyuan, o centro das minas de carvão. Dirigiu também um certo

número de manifestações e greves. A 24 de Outubro, quando Kai-hui deu à luz o primeiro rebento de ambos, um filho, Mao não estava com ela, pois andava fora a negociar em nome do sindicato dos construtores. Deu ao filho o nome An-ying: *An* era um nome da geração; *Ying* significava «uma pessoa de relevo».

Mao formou também por fim um comité do Partido em Hunan nos finais de Maio, um ano depois de ter sido nomeado dirigente de Hunan. Tinha trinta membros, a maior parte não recrutados por ele.* O futuro presidente da China, Liu Shao-chi, descreveu no seu leito de morte como o comité trabalhava sob a orientação de Mao. «Tive muitas reuniões na casa do presidente Mao», escreveu, «e, para além de fazer perguntas, não tinha qualquer hipótese de falar. No fim, era sempre o que o presidente Mao dizia que valia... o Partido em Hunan já tinha o seu próprio líder e o seu próprio estilo distinto — diferente do Partido em Xangai.» Liu estava a registar de forma tão explícita quanto podia que Mao já começara a comportar-se de forma ditatorial nos primeiros dias do Partido.

Entretanto, enquanto Mao trabalhava para consertar as coisas com o centro do poder, teve um golpe de sorte. Em Janeiro de 1923, a maior parte dos quadros do PCC que trabalhava em Xangai viu-se confrontada com uma ordem de Moscovo para fazer algo aparentemente bizarro e arbitrário — deviam juntar-se a outro partido político, os nacionalistas (também conhecido como Kuomintang ou KMT). Moscovo precisava de comunistas provinciais que apoiassem a sua posição — e Mao avançou.

O Partido Nacionalista fora fundado em 1912 com a fusão de um certo número de grupos republicanos. O seu líder era Sun Yat-sen, que fora durante um período breve o primeiro presidente provisório da República, antes de perder o poder para o chefe do exército Yuan Shih-kai. Desde então, Sun tinha andado a tentar formar o seu próprio exército e derrubar o Governo de Pequim.

Este objectivo levou Sun Yat-sen a abraçar Moscovo. Os russos partilhavam o seu intuito de subverter o Governo de Pequim, pois este estava a recusar o seu consentimento à ocupação da Mongólia Exterior, que era na altura território chinês. O PCC era demasiado pequeno para deitar abaixo o Governo de Pequim, por isso os enviados de Moscovo procuraram entre vários potentados provinciais e descobriram que o único disposto a aceitar a presença soviética era Sun.

Sun Yat-sen estava sedado em Cantão, a capital da província costeira do Sul chamada Guangong. Pediu aos russos para o ajudarem a construir uma força suficientemente forte para conquistar a China. Em Setembro de 1922 disse a um enviado russo que queria formar «um exército com armas e material militar

* O total dos membros do Partido em toda a nação era de 195 no final de Junho de 1922.

provenientes da Rússia». Em contrapartida, para além de sancionar a ocupação soviética da Mongólia Exterior, Sun propôs que a Rússia anexasse a enorme província rica em minerais, Xinjiang, a noroeste. O enviado principal da Rússia, Adolf Joffe, informou em Novembro que Sun «pede que uma das nossas divisões tome Xinjiang para o Turquestão Oriental», que fazia parte da União Soviética. Existiam «apenas 4000 tropas chinesas» na província, disse Sun aos russos, «e não poderia haver qualquer resistência». Sugeriu aos russos que invadissem a partir de Xinjiang em direcção ao centro da China, até Chengdu em Sichuan, em seu nome.

Sun Yat-sen não só tinha grandes ambições e poucos escrúpulos como também tinha um partido de alguma dimensão com milhares de membros registados e uma base territorial com um importante porto de mar em Cantão. Assim, no início de Janeiro de 1923, o Politburo soviético decidiu: «Dêem apoio total aos nacionalistas», com «dinheiro [dos] fundos de reserva do Comintern». A decisão foi assinada pelo emergente Estaline, que começara a interessar-se de perto pela China. Sun tornara-se assim, como Joffe disse a Lenine, «o *nosso* homem» (itálico no original). O seu preço era «dois milhões de dólares mexicanos no máximo», aproximadamente dois milhões de rublos de ouro. «Não vale tudo isto dois milhões de rublos?», perguntava Joffe.

Moscovo sabia que Sun tinha o seu próprio plano e estava a tentar usar a Rússia tal como a Rússia estava a tentar usá-lo a ele. Queria que o seu vassalo local, o PCC, estivesse ali no centro da acção para garantir que Sun se submetia à linha de Moscovo e servia os interesses de Moscovo. Por isso ordenou aos comunistas chineses que se juntassem ao Partido Nacionalista. Numa sessão secreta, Estaline definiu: «Não podemos dar instruções aqui de Moscovo, abertamente. Fazemos isso através do Partido Comunista Chinês e outros camaradas, secretamente, confidencialmente...»

Moscovo queria utilizar o PCC como cavalo de Tróia para manipular o muito maior Partido Nacionalista; mas todos os líderes do PCC, começando pelo professor Chen, se opuseram a juntar-se ao partido de Sun Yat-sen, tendo como base o facto de este rejeitar o comunismo e o facto de Sun ser apenas outro político «mentiroso» e «sem escrúpulos» à caça de poder. Foi dito a Moscovo que apadrinhar Sun Yat-sen era «malbaratar o sangue e suor da Rússia e talvez o sangue e suor do proletariado mundial».

Maring, o enviado do Comintern enfrentava uma revolta. Foi quase de certeza devido a isto que Mao foi trazido para o quartel-general do Partido. O pragmático Mao abraçou a estratégia de Moscovo. Entrou ele próprio prontamente para o Partido Nacionalista. Um comunista mais ferrenho, na realidade um velho amigo de Mao, Cai He-sen, disse ao Comintern que quando Maring avançou com o *slogan* «Todos trabalham para os nacionalistas», «o [único] apoiante foi Mao.»

Mao não acreditava nas perspectivas do seu minúsculo partido, nem que o comunismo tivesse qualquer ampla atracção. Tornou isto bem claro no 3.º Congresso do PCC, em Junho de 1923. A única esperança de criar uma China comunista, disse, era através de uma invasão russa. Mao «foi tão pessimista», relatou Maring (que presidia ao congresso), «que via a única salvação da China na intervenção da Rússia», dizendo ao congresso «que a revolução tinha de ser trazida para a China a partir do Norte pelo exército russo». Foi no essencial o que aconteceu duas décadas depois.

O seu entusiasmo pela linha de Moscovo atirou Mao para o núcleo central do Partido, sob a orientação de Maring. Aí esforçou-se como nunca antes se esforçara, agora que conseguia ver alguma esperança no que estava a fazer. O principal correio de Moscovo na China, Vilde, que era também o vice-cônsul soviético em Xangai, apontou Mao e uma outra pessoa no seu relatório para Moscovo como «definitivamente muito bons quadros». Mao foi nomeado assistente do dirigente do Partido, o professor Chen, com responsabilidades pela correspondência, documentos e execução das actas das reuniões. Todas as cartas do Partido tinham de ser assinadas por ele e por Chen. Imitando Chen, Mao assinava com uma assinatura inglesa: T.T. Mao. Uma das primeiras coisas que Chen e ele fizeram foi escrever para Moscovo a pedir mais dinheiro — «agora que a nossa frente de trabalho se está a expandir».

Tendo guiado os seus vassalos comunistas locais para o meio dos Nacionalistas, Moscovo enviou então um operativo de nível superior para controlar quer o PCC quer os nacionalistas, e coordenar as suas acções. Mikhail Borodin, um agitador carismático, foi nomeado conselheiro político de Sun Yat-sen por recomendação de Estaline em Agosto de 1923. Veterano de actividades revolucionárias na América, México e Grã-Bretanha, era um bom orador, com uma voz poderosa, um organizador dinâmico e um estratega sagaz (foi a primeira pessoa a recomendar que os comunistas chineses se deviam mudar para o Noroeste da China para ficarem mais próximos da fronteira russa, o que fizeram uma década depois). Inspirava descrições como «majestoso», e irradiava energia mesmo quando doente.

Borodin reorganizou os nacionalistas segundo o modelo russo, apelidando as suas instituições com nomes comunistas, por exemplo Departamento de Propaganda. No 1.º Congresso dos Nacionalistas em Cantão, em Janeiro de 1924, Mao e muitos outros chineses comunistas participaram, e o minúsculo PCC obteve um número desproporcionado de lugares. Moscovo começava agora a financiar os nacionalistas em grande escala. Mais importante ainda, fornecia os fundos, treinava um exército e formou uma academia militar. Sedeada numa

ilha pitoresca no rio das Pérolas a uns dez quilómetros de Cantão, a Academia Whampoa tinha como modelo instituições soviéticas, com conselheiros russos e muitos professores e estudantes comunistas. Aviões e artilharia foram enviados por barco da Rússia Soviética, e foi graças a tropas treinadas pelos russos, apoiadas no campo por grupos de conselheiros soviéticos, que os nacionalistas conseguiram expandir substancialmente a sua base.

Mao desenvolveu grande actividade no Partido Nacionalista e tornou-se um dos dezasseis membros que alternavam no seu órgão máximo, o Comité Executivo Central. Durante o resto do ano, efectuou a maior parte do seu trabalho no escritório dos nacionalistas em Xangai. Foi Mao que ajudou a formar a secção nacionalista de Hunan, que se tornou uma das maiores.

Mao chegou ao ponto de raramente assistir a reuniões do seu próprio partido. O entusiasmo de Mao em trabalhar com os nacionalistas agitou os seus colegas comunistas. O seu velho — e mais ideológico — amigo Cai queixou-se mais tarde ao Comintern que em Hunan «a nossa organização perdeu quase todo o seu significado político. Todas as questões políticas foram decididas no comité provincial nacionalista e não no comité provincial do Partido Comunista.» Outro dedicado organizador dos trabalhadores tinha a mesma opinião: «Nessa altura, Mao era contra o movimento dos sindicatos independentes para os trabalhadores.»

Além disso, Mao viu-se subitamente tratado com indiferença por alguns dos enviados de Moscovo, pois o seu protector Maring tinha abandonado a China em Outubro do ano anterior. Embora Mao se desse bem com Borodin, teve de lutar para se defender dos puristas ideológicos. Moscovo ordenara que os comunistas chineses mantivessem a sua identidade e independência distintas, enquanto se infiltravam nos nacionalistas, mas o ideologicamente confuso Mao não conseguia estabelecer uma linha divisória entre os partidos. A 30 de Março de 1924, um destes enviados ideólogos, Sergei Dalin, escreveu a Voitinsky:

O que se ouve da parte do secretário do CC [Comité Central] Mao (sem dúvida um manga-de-alpaca de Maring) colocar-lhe-ia os cabelos em pé — por exemplo que o [Partido Nacionalista] era e é um partido proletário e deve ser reconhecido pela Internacional Comunista como uma das suas secções... Este personagem representou o Partido na Liga da Juventude Socialista... Escrevi ao CC do Partido e pedi-lhe para nomear outro representante.

Mao foi devidamente despedido deste lugar. Criticado como «oportunista» e «ala direita», viu-se corrido do Comité Central e nem sequer foi convidado a participar no congresso seguinte do PCC agendado para Janeiro de 1925.* A sua

* Nessa altura, o PCC tinha 994 membros.

saúde deteriorou-se então, e ficou magro e doente. Um amigo e colega dessa altura contou-nos que Mao «tinha problemas na cabeça... estava preocupado com os seus assuntos». O seu estado de nervosismo reflectia-se nos intestinos, que por vezes funcionavam apenas uma vez por semana. Iria ser atormentado pela obstipação — e obcecado pela defecação — durante toda a vida.

Mao foi afastado de Xangai no final de 1924. Regressou a Hunan, mas não para nenhum lugar no Partido, e a única saída foi regressar à sua aldeia natal de Shaoshan, onde chegou a 6 de Fevereiro de 1925 com mais de 50 quilos de livros, afirmando que estava «em convalescença». Estivera com o Partido Comunista durante mais de quatro anos — anos cheios de altos e baixos. Com trinta e um anos, a sua falta de clareza e fervor ideológicos tinham-no feito aterrar de novo na propriedade da família. Os reveses de Mao durante esses anos iniciais do PCC são ainda mantidos fortemente encobertos. Mao não quis que se soubesse que tinha sido ineficaz no trabalho do Partido, ou extremamente entusiasmado do Partido Nacionalista (que se tornou o principal inimigo dos comunistas nos anos que se seguiram) — ou que ideologicamente era bastante vago.